

## COISA — PALAVRA — POESIA

GUILLERMO DE LA CRUZ-CORONADO

No princípio é a palavra, e a palavra faz a coisa para a poesia. (Poesia = criação literária)

A simples coisa é; a simples palavra significa; a poesia cria.

A simples coisa é, não significa. Significar é ser signo de algo, e nada pode ser signo de si mesmo; é puramente êle mesmo.

A coisa só (puro objeto) nada vale para o criador; porque é a coisa sem a criação, sem o criador ou re-criador. A coisa-objeto só interessa ao cientista, e, em certo modo, ao filósofo. Ao poeta (qualquer espécie de criador literário) só interessa a sua coisa, a sua vivência da coisa, porque isto é a sua poesia. E como sua poesia é para todos (do contrário não seria poesia), sua coisa passa a ser coisa de todos, e sua vivência, vivência universal.

A simples palavra (léxico, gramática . . .) significa, não cria.

A palavra serve para comunicar conceitos (representação), para manifestar sentimentos (expressão), para orientar movimentos (indicação).

A poesia cria, faz (poiéin, póiema, poietés, póiesis=criar — fazer, criação — poema, criador — poeta, poesia).

Ora: Poesia é a própria palavra que representa, que expres-

sa, que indica; mas que, além disso, está carregada de uma força, traspassada de uma vibração que a tira do léxico e da gramática de cada dia, e a transforma numa criatura nova, virginal, inédita: poesia.

A palavra (léxico) quer dar-nos a coisa, e só o consegue de longe.

A poesia (palavra criadora) quer dar-nos a síntese da coisa vivida pelo criador, e o consegue bem mais de longe.

Não existe palavra, frase ou língua, que sejam por si mesmas poéticas; a palavra, a frase, a língua, as faz poéticas o poeta. São poéticas quando feitas ou refeitas pelo criador enquanto criador; e êste as torna poéticas ao convertê-las em veículo de sua síntese pessoal da realidade, de forma a serem aptas para transmitir essa síntese aos demais. São poéticas enquanto integram a poesia criada pelo poeta.

As palavras, as frases etc. só conservam seu valor poético dentro do poema (obra literária) onde vivem graças ao poeta. Não o conservam nos dicionários, mesmos nos dicionários poéticos ou assim chamados, porque os únicos e lídimos reservatórios da poesia são os próprios poemas.

As palavras com certa tradição poética são as mais perigosas para a verdadeira poesia; o poeta pode esquecer-se de impregná-las de sua poesia; pode deixar-se alastrar pelo pêso da tradição poética; pode iludir-se poupando o esforço de poetizá-las por si mesmo; enfim, pode ceder à aparência poética dispensando-se de mergulhar na substância poética.

Porque o poeta deve vivificar para a sua poesia tôda palavra, seja qual fôr o seu uso tradicional, a sua história em função da poesia.

E o poeta pode poetizar qualquer palavra, seja qual fôr o seu significado e a sua corrente sonora.

É êste um distintivo dos grandes poetas: saber poetizar tudo, fazer poesia com qualquer palavra.

Se é poeta na medida em que se é capaz de tornar poéticas quaisquer palavras.

O poeta ressuscita as palavras sepultadas no léxico comum.

Ao contrário, quem emprega as palavras vivas de um poeta sem sua alma poética, sem sua carga de poesia, as mata, as enterra de novo no léxico, na não-poesia.

É uma lei fatal: léxico — poesia — léxico.

Quase toda poesia é feita com a língua comum, e é uma vivificação da mesma; a palavra poética é extraída da palavra comum, motivando-a para a poesia. Mas logo se desgasta, se despoetiza, se reduz a palavra comum. Se despoetiza fora do poema.

Poema, em sentido lato, que abrange até o embrião e a frase ao vento.

A poesia de substantivos pode servir como balão de ensaio.

Como experiência, ajuda a eliminar o excesso ornamental de um barroquismo exagerado, conquanto que não se torne um outro barroquismo.

Pode e deve levar a uma penetração mais pura, mais direta, na substância da coisa vivida.

Porém, é preciso tomá-la como ensaio, e não como poesia; pelo menos, não como a melhor ou a única poesia.

Porque não é só da substância da coisa (substantivo) que se nutre a poesia.

Ela busca toda a realidade da coisa, que, além de substância (se o fôr), é muita coisa a mais, às vezes mais preciosa para o poeta.

Mais preciosa porquanto com ela constrói o caminho para a essência e para sua síntese poética da coisa, de sua coisa.

A poesia a cria o poeta com a coisa e suas circunstâncias.

Coisa aqui é qualquer coisa, matéria de poesia.

De dentro, de fora, em qualquer perspectiva, conquanto matéria de poesia.

Coisa — palabra — poesía. Coisa-poesía pela palabra criadora.

Dizia, faz quase meio século, aquêlê vanguardista chileno:

“¿Por qué cantáis la rosa, oh poetas?  
Hacedla florecer en el poema.”

Mas já o verbo preciso de Juan Ramón se anticipara ao apêlo de Huidobro:

“¡Inteligencia, dame  
el nombre exacto de las cosas!  
. . .Que mi palabra sea  
la cosa misma,  
creada por mi alma nuevamente”

Porque a rosa só pode florescer no poema como canto;  
é cantando-a que o poeta faz florescer a rosa no poema.  
Rosa humana, florida na palabra criadora.